

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Gazeta - SP*

Class.: *Pix antedentes*

Data: *1952*

Pg.: *475*

ESTRANHA MOLESTIA ENTRE INDIOS

Cientistas de Mangueinhos no Brasil Central

Colocados os irmãos Villas Boas à disposição do Instituto Oswaldo Cruz e Serviço de Proteção aos Índios — Vão preparar as condições necessárias e colaborar nesse empreendimento — Interessantes informações dos conhecidos sertanistas — O caso da luta sangrenta entre seringalistas e índios Caiapó, no Baixo Xingu' — Entrevista com o presidente Getúlio Vargas — Comentários sobre a recente carta enviada de Londres pelo filho de Fawcett — Outras notas

Encontram-se em S. Paulo, de passagem para o Brasil Central, os sertanistas Orlando e Claudio Villas Boas. Esta é a primeira vez que Claudio vem a S. Paulo, desde que daqui saiu em 1942. Durante nove anos, conservou-se na vanguarda da Expedição, juntamente com Orlando e Leonardo, sem voltar uma vez sequer, ao menos, ao rio Araguaia. Leonardo, entretanto, continua ainda no Alto Xingu, tendo somente vindo Claudio.

Orlando, depois de sete anos naquela região, passou a vir espaçadamente ao Rio, de há dois anos para cá, e isto em virtude de ter sido encarregado de importantes missões, como a chefia da Expedição Roncador-Xingu, um empreendimento do governo federal.

Também desta vez veio Orlando receber novas incumbências por solicitação do Instituto Oswaldo Cruz (Mangueinhos) e Serviço de Proteção aos Índios. Este notável sertanista, que esteve em visita a A GAZETA em companhia de seu irmão Claudio, prestou-nos, a propósito, interessantes informações. Iniciando sua palestra, disse-nos Orlando Villas Boas:

— "Quando a Expedição atingiu o rio Teles Pires ou São Manoel, conseguimos, após muitas dificuldades, entrar em contacto com os índios Cajabi, que ali vivem completamente isolados de qualquer núcleo civilizado, ocupando a vastíssima área do divisor dos rios S. Manoel e Arinos. Conseguimos manter amizade permanente com eles. Desse contacto constatamos existir entre eles uma doença de pele que não havíamos visto ainda em nenhuma outra tribo do Brasil Central. É uma doença que assume aspecto grave, trazendo um sofrimento constante ao seu portador. Diversos casos notamos nas aldeias percorridas.

Dai termos, na primeira oportunidade trazido um desses índios doentes, ao Rio, de avião. Foi ele internado logo que chegou, no Instituto Oswaldo Cruz, em Mangueinhos. A doença, pelos seus traços característicos, ainda desconhecidos, despertou imediatamente grande interesse entre os cientistas da equipe hospital, especializados em dermatologia".

Continuando, Orlando disse-nos: — "O dr. Noel Nutels, médico do Serviço de Proteção aos Índios, e os cientistas de Mangueinhos, acharam conveniente estudar na região, a referida doença, indo, si possível, até às aldeias desses índios. Ora, mas para isto seria necessário abrir um campo de pouso naquela região. Esta a razão desta nossa viagem ao Rio, pois a Fundação Brasil Central atendendo à solicitação do Instituto Oswaldo Cruz e do Serviço de Proteção aos Índios, colocou-nos à disposição destas entidades para a abertura do campo de pouso necessário à ida dos cientistas àquela região. Por isso vamos voltando, a fim de providenciarmos a abertura do referido campo antes da estação das águas que já se aproxima".

Perguntamos em seguida aos Villas Boas si essa doença não era contagiosa, tendo-nos os mesmos dito:

— "Segundo informações obtidas por nos, não somente são contagiosas, como também de cura problemática, e mesmo incurável em casos avançados. Essa doença, supõe-se que é transmitida por mosquitos da região. Eu e Claudio iremos sós, não levando trabalhadores, pois os índios nos ajudarão nesta tarefa.

Acredita-se que as informações a serem conseguidas pelos médicos que lá irão, trarão importante contribuição não só ao diagnóstico da molestia, mas também aos estudos relacionados com outras moéstias do mesmo genero, comuns em outras regiões e que constituem um permanentemente problema científico".

OS CAJABI'

E ainda sobre o mesmo assunto, prosseguiram os Villas Boas:

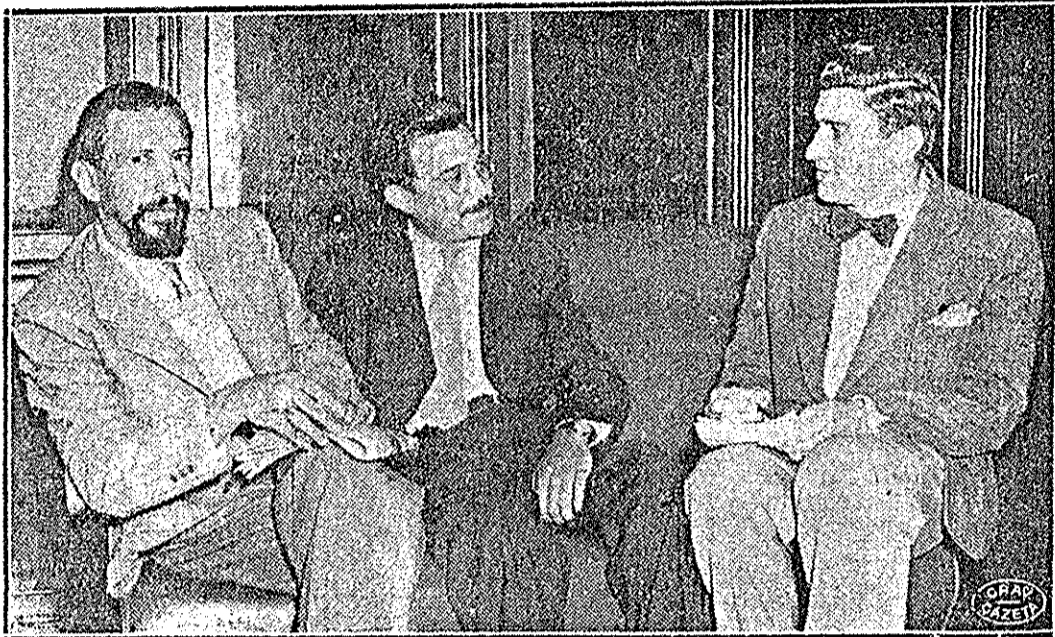
— "Como já foi divulgado, os Cajabi se dividem em duas grandes alas: uma que oferece melhores possibilidades de entendimento, com a qual já vimos mantendo contacto, e outra arredia, que demandará ainda um trabalho de aproximação".

— Poderiam dizer-nos como pretendem atingir a região?

— "Utilizaremos o campo do rio Teles Pires, que abandonamos há já algum tempo, mas que, contudo, continua praticável. Atendendo à solicitação do S. P. I., a FAB pôs à nossa disposição um avião para essa viagem. Ele nos deixará nesse campo e regressará. Eu e Claudio, juntamente com os Cajabi, iremos à zona do divisor, no que gastaremos no mínimo quinze dias, onde esperamos poder abrir o campo de pouso. Esperamos que no mínimo dentro de 40 a 50 dias possa o avião descer nesse campo, levando os cientistas interessados no assunto. Devemos ressaltar que a FAB, neste empreendimento, como em todos os outros, é um elemento decisivo na consecução dos nossos objetivos".

OS CAIAPO'

Aproveitando a conversa com os sertanistas, pedimos-lhes que dissessem algo sobre o problema da luta que se trava atualmente entre os índios caiapó do Baixo Xingu, e os exploradores de borracha daquela zona, e que tem sido não só noticiado, mas também debatido tanto na imprensa, como entre os



Orlando e Claudio Villas Boas quando eram entrevistados pelo nosso companheiro engenheiro, Manoel Rodrigues Ferreira

elementos nela envolvidos, isto é, seringalistas e o S. P. I. Disse-ram, a propósito, os Villas Boas:

— "Realmente, o Caiapó tem feito algumas vítimas entre os exploradores de borracha. Mas o maior responsável são os próprios exploradores, que desordenadamente vão invadindo as terras do índio. A razão dessa luta está tomando grandes proporções, no momento. Cede-se no fato de haver bom preço para a borracha, o que determina a sua grande procura nas selvas amazônicas. O seringalista tira dinheiro no Banco da Borracha, obrigando-se portanto a conseguir borracha de qualquer maneira. Como a produção não corresponde ao compromisso assumido, lança a culpa do insucesso nas costas dos índios Caiapó, culpando-os de atacarem os seringais, perturbando a extração. Assim, o explorador justifica tanto o massacre de índios, como também o seu insucesso na extração da borracha. A informação de que os índios são armados pelo Serviço de Proteção aos Índios não é verdadeira. As carabinas que os índios possuem, eles as obtêm nas refregas com os seringueiros, ou então são fornecidas pelos próprios seringalistas, como no caso dos índios Juruna, que deles recebiam armas para atacar os outros índios, principalmente os caiapó".

ENTREVISTA COM O CHEFE DA NAÇÃO

Soubemos que estiveram com o presidente da República, e poderiam adiantar-nos algo sobre a conversa havida?

Os Villas Boas responderam-nos:

— "Estivemos com o presidente Getúlio Vargas e expusemos a situação dos índios, principalmente daqueles que, pela localização, estão sofrendo a invasão desordenada dos exploradores de borracha. Respondendo a uma pergunta do presidente, relativa à melhor solução para esse caso, lembramos a S. Excelencia a necessidade de dar andamento rápido ao substitutivo de uma lei em transito no Congresso, que trata das reservas indígenas, bem como determinar que fossem desembaraçadas, o mais rapidamente possível, as verbas do S. P. I., pois que até agora, já no segundo semestre do ano, somente um terço da verba, que já é miniguada, foi recebido. Prometeu Sua Excelencia recomendar aquele substitutivo e providenciar a questão das verbas, declarando mesmo que é muito amigo dos índios e tudo fará para que a situação seja normalizada, sem que o índio seja espolado no seu direito à terra".

Fizemos em seguida a seguinte pergunta:

A imprensa de ontem publicou uma carta do filho de Fawcett que vive na Inglaterra. Que nos diz sobre as suas afirmações?

— "O filho de Fawcett afirma nessa carta que seu pai não entrou na região dos índios Caiapalo, e que só a família conhece particularidades que podem identificar a ossada, sugerindo mesmo que o nosso governo custeie a sua vinda ao Brasil, ou então a remessa dos ossos a Londres para serem lá identificados. É descabida a afirmativa do filho de Fawcett, uma vez que já é sabida e documentada a passagem de Faw-

cett entre os missionários do A. Curisevu e Posto do S. P. I. de onde, guiado por um índio Bacacé, desceu o Curisevu rumo ao Coluene, onde vivem os Caiapalo. Da aldeia Nafucua, que é do mesmo grupo dos Caiapalo, enviou Fawcett sua última carta à Inglaterra, e ainda mais, deu uma arma de presente ao Cacique daquela aldeia. O conhecimento da caminhada de Fawcett até os índios Caiapalo foi resultante de pacientes investigações do jornalista Edmar Morel que realizou um trabalho cuidadoso a respeito. Mais interessante ainda é a afirmativa do filho de Fawcett de que só os membros da família têm elementos para identificar os ossos. Não sabemos por que esses elementos não podem ser enviados ao Brasil, para identificação. Dona Heloisa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional prontificou-se a proceder naquela entidade, todos os trabalhos de identificação. Para isso, já solicitou da Fundação Brasil Central os ossos de Fawcett, não os tendo recebido ainda".

E assim terminaram os irmãos Villas Boas a sua entrevista concedida a A GAZETA, jornal do qual são colaboradores desde 1945.

Possivelmente, amanhã partirão para o Brasil Central no avião posto à sua disposição pela FAB. Haviam sido designados para essa missão o capitão Filizola e o tenente Decio Leopoldo, mas, como se sabe, esses dois elementos da FAB desde sexta-feira se acham desaparecidos, sofrendo acidente, um em Minas, e outro na Bahia. Si até amanhã não forem encontrados, irá substituí-los o major Leal Neto, que passará nesta Capital quarta-feira para transportar os irmãos Villas Boas.